

MEYER, BIRGIT. *COMO AS COISAS IMPORTAM: UMA ABORDAGEM MATERIAL DA RELIGIÃO – TEXTOS DE BIRGIT MEYER*. E. GIUMBELLI; J. RICKLI; R. TONIOLO (ORGS.). PORTO ALEGRE: UFRGS, 2019. 333 PP.

Rogério Brittes Wanderley Pires¹

Já há algumas décadas, determinados conceitos, que pareciam sólidos e davam base a teorias antropológicas, estão sob suspeita na disciplina: sociedade, cultura, parentesco e, particularmente, religião. Hoje, é quase consensual na antropologia a necessidade de questionar sua universalidade. Críticas à religião como categoria antropológica (como a de Asad, 1993) são bastante conhecidas, sendo desnecessário repisá-las aqui. Mas quero atentar para o mal-estar daí derivado. Diante de uma noção tão abstrata, universalizável, temos de nos haver com o fato de que “religião” é uma palavra fundamentalmente eurocêntrica, demasiadamente cristã e que amiúde traduz mal práticas de povos não euro-americanos. Paira algum incômodo sobre como tratar a religião antropológicamente, rejeitamos sua universalidade, mas permanecemos utilizando o termo, tanto para descrever certas instituições, práticas e ideias, quanto para demarcar temas e horizontes disciplinares. Nas últimas décadas, poucos antropólogos têm ousado propor um conceito de religião. Ainda assim, continuamos a fazer “antropologia da religião”. Aí o desconforto.

Birgit Meyer é exceção. Em seu trabalho teórico, reconhece os problemas do “legado protestante” na conceituação de religião, os discute, os leva em conta, mas segue buscando uma definição ampla. Não lhe parece suficiente suspender a tentativa de conceituação geral de religião, que fiquemos apenas nas atualizações particulares, singulares, dos fenômenos religiosos (p. 85). Ainda que Meyer, antropóloga, comece com o particular, ela ambiciona ir além, delinear um conceito abrangente, que dê conta de comparações históricas e transculturais.

¹ Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH, UFMG, Brasil. E-mail: rogeriobwp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0778-7577>.

Entretanto, não propõe, com isso, retornar ao universalismo. A definição que persegue é historicamente situada, não toma religião como algo dado, nem como esfera independente encontrada em qualquer sociedade humana. A definição deve servir para falar de religião onde se fala de religião.

O volume que temos em mão, *Como as coisas importam*, é oportuno por apresentar ao público brasileiro, de forma cuidadosa, o pensamento de uma das mais influentes teóricas da religião na antropologia hoje. Até então, tínhamos apenas dois artigos traduzidos. Esta coletânea, organizada por Emerson Giumbelli, João Rickli e Rodrigo Toniol, permite mergulhar nas propostas de Meyer. É um livro sobretudo teórico, tem como fio condutor a proposição de uma abordagem material da religião. Que me seja permitido, então, arriscar um formato heterodoxo de resenha: sem retomar a trajetória acadêmica da autora, nem resumir o conteúdo de cada capítulo (outros excelentes resenhistas já o fizeram), tentarei sintetizar as principais propostas teóricas que, entendendo, Meyer traz para a antropologia.

Em certa altura do livro, Meyer define: “Considero que ‘religião’ se refere a conjuntos específicos, autorizados e transmitidos de práticas e ideias que visam ‘ir além do ordinário’, ‘superar’ ou ‘transcender’ um limite, ou acenar [...] ‘o resto-de-que-é’” (p. 187). Noutro momento, acrescenta: “A religião é o domínio, por excelência, que oferece procedimentos padronizados para gerar nos praticantes, continuamente, um senso de maravilhamento e fascínio: a produção de um excedente sagrado” (p. 265). Nesta definição, ideias de “ir além do ordinário” e “transcender” ressoam com diversas teorias, clássicas e contemporâneas, da religião. Sua originalidade está em propor um “além” que não precisa ser imaterial, nem absolutamente transcendente. Para Meyer, as instâncias da religião sempre têm algo de material, estão sempre localizadas em “estruturas institucionais que garantiam repetibilidade e ritmos rotineiros” (p. 267). O “algo mais”, para aparecer na vida de um indivíduo ou de uma comunidade, depende de uma série de “práticas de mediação”, processos de engajamento com aquilo que materializa, presenifica o além, constrói sensações de maravilhamento, espanto ou encanto. A tarefa do pesquisador seria, então, entender como “práticas de mediação

religiosa” (p. 64) tornam concretos deuses, espíritos e outras forças na vida das pessoas, através de sensações corporais, textos, edifícios, imagens, objetos, palavras... Religião implica em traçar relações tanto com o material quanto com o imaterial. Daí o título em inglês: “*how things matter*”: “como as coisas importam”, onde “*matter*”, é tanto “importar”, quanto “matéria” (trocadilho, aliás, utilizado por Butler em *Bodies that matter*, 2011 [1993]).

“Religião material” é um programa de pesquisa que sugere focar em aspectos sensíveis da religião: objetos, corpos, sentidos, imagens, sons... “Coisas”, diz a autora. Por muito tempo, argumenta, estudiosos trataram a religião como um fenômeno fundamentalmente espiritual (nos vários sentidos de “espírito”), ancorado no domínio das ideias, crenças, ideologias, do inconsciente ou das experiências íntimas. Eu acrescentaria que mesmo os teóricos que se voltaram para os rituais, tomaram-nos, antes de tudo, como um meio de expressão ou comunicação de símbolos, representações, ânimos e disposições. O que importa na religião estaria no plano subjetivo e/ou representacional. Contrapondo-se a isso, Meyer assevera que nenhuma religião pode prescindir da mediação de elementos materiais. Ainda que algumas religiões tentem avidamente livrar-se da matéria. Acontece que, às religiões que se auto representam como anti materialistas, como o protestantismo, os acadêmicos concederam importância desproporcional. O foco dado ao espírito, nos estudos de religião, é efeito deletério do “viés protestante”. Efeito que, amiúde, resulta numa oposição antagônica entre as coisas materiais e a religiosidade:

Esse antagonismo está alinhado com todo um conjunto de oposições que privilegiam o espírito à matéria, a crença ao ritual, o conteúdo à forma, a mente ao corpo, e a contemplação interior à “mera” ação externa, produzindo uma compreensão da religião basicamente em termos de uma experiência espiritual interna (Meyer, 2019, p. 81).

Numa visão marcada pelo legado protestante, prossegue Meyer, espírito e matéria seriam excludentes. Práticas religiosas marcadas pela materialidade – como as que foram chamadas de fetichistas – seriam primitivas, falsas, ou até demoníacas. O parâmetro pode ser a modernidade, a verdade, o bem, mas na teoria

da religião sempre prevaleceram hierarquias nas quais religiões anti materialistas europeias ocupam posições superiores. O espaço que a religião preencheria na vida humana, ou, pelo menos, o que *deveria preencher*, é um espaço interior. Isto levaria à superestimação da crença na definição de religião pelas ciências – em Tylor, em Weber, nas teorias simbólicas de fins do séc. XX. Meyer as chama de “abordagens mentalistas” (p. 165) e defende ser tempo de superá-las.

A abordagem proposta aqui não segue um materialismo radical, ateu, de tradição iluminista, no qual se alinham nomes como Feuerbach, Marx, e até Dawkins. Tal corrente afirma que, simplesmente, *não existe espírito*, tudo é epifenômeno da matéria – *a fortiori*, a religião, domínio do espiritual, seria pura ilusão. Na ideia de “religião material” não basta mover-se para o outro polo do pêndulo idealismo-materialismo, mantendo intactos os dualismos. A matéria não deve ser encarada como *mais real* que a linguagem, nem o corpo biológico como *mais real* que as performances corporais (p. 169, nota de rodapé 16). Um discurso não é mais nem menos real do que aquilo sobre o que fala. Afastando-se dos esforços para desmascarar supostas ilusões religiosas, Meyer sublinha que a própria oposição entre espírito e matéria é uma preocupação historicamente situada e, portanto, o par não precisa ser ubíquo no estudo da religião. Para falar de religião, temos que passar *também* por poder, práticas, materialidade, corporeidade. “Crença” não precisa ser o conceito norteador do estudo da religião. O que não implica *abandonar* estudos sobre vida interior, e, sim, alargar o foco para dar conta, inclusive, das condições que moldam a interioridade, aquilo que constrói subjetividades, sentimentos, crenças (p. 84-85).

A ideia de religião material é parte de movimentos mais amplos das últimas décadas, nas ciências sociais e no âmbito religioso. De um lado, novas relações entre religiões e esfera pública, abalando o suposto consenso em torno de um ideal secular de religião individualizada e exigindo o que Meyer chama de uma “perspectiva pós-secularista” (p. 162, nota de rodapé 9). Por outro lado, o esgotamento de uma posição puramente construcionista no campo das humanidades. Há, desde os anos 1980, um crescente foco no estudo da materialidade (pensemos em Miller, 2010; Latour, 1996; Gell, 1998;

Appadurai, 1988), fruto da insatisfação com a compreensão de que ideias, conceitos, ideologias, valores – elementos abstratos, enfim – são os únicos impulsionadores da história humana (Meyer, 2019, p. 89-90).

A autora delinea como uma “virada material” (p. 288). Ultimamente, fala-se muito de “virada” nas ciências sociais. Tentativas de propor novas agendas de estudo têm sido descritas como “viradas”: ontológica, literária, sensorial... O termo, por vezes, passa uma sugestão ruim: de que existe uma nova e única direção a tomar. Mas “virada” pode apenas significar *voltar nossa atenção a algo que fora ignorado* – movimento temporário. Meyer espera que, com o tempo, a ideia de “religião material” deixe de soar estranha, quando abordagens mentalistas deixarem de predominar. Tendo completado seu movimento, a virada alcançaria seu fim. Efetivamente, ela sente que suas propostas, recebidas com certo espanto em 2006, quando lançou o periódico *Material Religion*, já não soam mais tão estranhas 15 anos depois (p. 280).

Aspecto notável de *Como as coisas importam* é sua combinação criativa de teorias: as “comunidades imaginadas” de Anderson (p. 46); os “feitiches” de Latour (p. 93, *passim*); a estética em Aristóteles (p. 52) e Rancière (p. 278); abordagens iconológicas de Panofsky e Warburg (p. 215); fenomenologia (p. 260). Quero chamar atenção para dois movimentos atuais da antropologia com os quais Meyer conversa, mas busca estabelecer distinções: *virada ontológica* e *antropologia do cristianismo*. Acerca da primeira, apesar de alguma simpatia com a ideia de “ontologias alternativas” (p. 121), Meyer considera a abordagem improdutiva. Para ela, autores como Ingold e Holbraad, ao abrirem mão de uma perspectiva externa sobre a religião, “parece[m] reformular a antropologia em termos religiosos” (p. 243), tendem a “pensar com” em vez de “pensar sobre” as religiões (p. 254). Quanto à antropologia do cristianismo, Meyer evita se vincular ao subcampo, pois “em vez de me concentrar em uma única tradição religiosa, prefiro trabalhar com a noção mais ampla de um campo religioso em que vários grupos religiosos coexistem” (p. 171, nota de rodapé 19). Comparativamente, a resposta da autora aos problemas conceituais da antropologia atual é menos tímida em relação a comparações de larga escala, e menos presa aos pontos de vista

nativos como fontes últimas de autoridade. Tais posições permitiram que Meyer estabelecesse diálogos fortes nos estudos religiosos (p. 276).

Entretanto, Meyer nunca deixou de lado a ideia de que “antropologia depende de encontros, conversas, trocas entre antropólogos e seus interlocutores” (p. 283). Eu disse que este livro é sobretudo teórico. Quando nele aparecem descrições etnográficas, análises filmicas e iconológicas, estão na qualidade de ilustrações da “religião material”. Não obstante, tais elementos empíricos são relevantes, pois demonstram a ligação entre as teorias da autora e suas pesquisas na África, com cristãos em Gana: a relação destes com missionários europeus, sua apropriação das mídias de massa, seu fascínio por imagens. É do cristianismo pós-colonial africano que emergem seus principais problemas teóricos. Em tempo, os capítulos em que há mais material empírico (p. 115, p. 205) são pontos altos do livro.

Outro aspecto importante do pensamento de Meyer é sua apropriação do conceito de *estética*. Aquilo que a religião presentifica, precisa ser, afinal, feito tangível, ativar os sentidos das pessoas. Daí dois conceitos avançados pela autora: formação estética (p. 52) e forma sensorial. O último é assim definido:

[...] uma configuração de mídias religiosas, atos, imaginações e sensações corporais no contexto de uma tradição ou grupo religioso. Autorizadas e autenticadas como mensageiros do que está além, as formas sensoriais têm o duplo aspecto de delinear ou moldar a mediação religiosa e de alcançar certos efeitos ao serem realizadas. [...] são “configurações”, na medida em que direcionam aqueles que participam delas sobre como proceder, além de serem “performances”, na medida em que efetuam ou fazem presente o que elas mediam (p. 190).

Trata-se, portanto, de um conjunto integrado de mídias e práticas de mediação. Tratar desse complexo exige uma noção de estética que fuja de posições clássicas. Estética, em Meyer, não diz respeito à apreciação do belo – antes, denota engajamentos sensoriais com o mundo (p. 192). Uma estética é sempre localizada culturalmente e coletivamente imaginada, permitindo uma particular moldagem do conjunto dos sentidos, uma formatação de formas de atenção. Os sentidos, claro, são incorporados; logo, a estética

é uma dimensão que atravessa “o triplo papel do corpo como produtor, transmissor e receptor do transcendente” (p. 193). O corpo é um elemento central dentre as diversas coisas materiais que possibilitam experiências religiosas. O corpo é matéria com que se faz religião.

A teoria de Meyer é capaz de resolver o mal-estar derivado do desgaste do conceito de religião? Acredito que não. Até porque, creio que o próprio incômodo ainda servirá de combustível para muitos trabalhos empíricos e teóricos sobre o tópico. Ainda assim, este excelente volume mostra alguns caminhos interessantes a serem percorridos. O conceito de religião é de uso limitado, mas dentro de seus limites, há ainda muito a ser explorado.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. (Ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- ASAD, T. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore: JHU Press, 1993.
- BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London: Routledge, 2011 [1993].
- GELL, A. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- LATOUR, B. *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 1996.
- MILLER, D. *Stuff*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- MEYER, B. *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. E. Giumbelli; J. Rickli; R. Toniol (orgs.). Porto Alegre: UFRGS, 2019.

Recebido em: 18/03/2022

Aprovado em: 30/03/2022